

## AS RELAÇÕES ENTRE A EDUCAÇÃO E OS AVANÇOS BIOTECNOLÓGICOS: O CORPO COMO OBJETO DE ESTUDO

Mayra Louyse Rocha Paranhos<sup>1</sup>; Márcia Cristina Rocha Paranhos<sup>2</sup>; Lívia de Rezende Cardoso<sup>3</sup>

*Universidade Federal de Sergipe*, [mayraufs20@gmail.com](mailto:mayraufs20@gmail.com); [mcparanhosufs@gmail.com](mailto:mcparanhosufs@gmail.com); [livinha.bio@gmail.com](mailto:livinha.bio@gmail.com)

As problematizações sobre as relações entre o poder e o saber e como estes são utilizados por instituições sociais, tem nos instigado a pensar na construção social do sujeito, discutindo as relações de saber e poder, postulados por Foucault (1999) e os modos de governo que administram a vida, seja através do poder disciplinar e/ou de um biopoder. Esses poderes são responsáveis por gerir a vida, a partir da inserção controlada dos corpos nos processos sociais, econômicos, políticos e culturais.

A abordagem das estratégias biopolíticas, possibilitam que os corpos dos sujeitos sejam administrados e que a vida seja controlada através do conhecimento sobre a população, assumindo um novo poder, que tem como objetivo o controle do biológico para que este possa suprir as expectativas criadas pela sociedade e os seus padrões.

A partir dessas (des)construções, o nosso projeto tem como objetivo analisar como está acontecendo a formação das/os licenciandas/os em Ciências Biológicas em torno das questões sociocientíficas (QSCs), em especial sobre o teste genético pré-implantacional (PGD), levando em consideração as discussões do corpo que vai além da sua constituição física, como também sobre a produção de subjetividades a partir da biotecnologia e o papel do corpo como um objeto de estudo para a educação. Sendo este projeto alicerçado em uma perspectiva pós-estruturalista que tem como referencial metodológico a análise do discurso foucaultiana (FOUCAULT, 1996).

Quando discorremos pela temática do corpo como objeto de estudo para educação, surgem algumas pesquisas abordando a relação entre eles. De acordo com Mossi (2015), é comum, quando buscamos pesquisas sobre o corpo, sermos motivados a recordar que possuímos um corpo. Entretanto, esse corpo muitas vezes está associado à utilidade, disciplina, letramento e a capacidade de seguir e repetir padrões que já são estabelecidos e/ou formulados.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e do Departamento de Educação (DEDI)

Todavia, embora existam pesquisas e interesses nesses corpos disciplinados, ao lançar as problemáticas de um corpo que vai além da sua constituição física, esperamos contribuir para produção de pesquisas na educação que abordem a subjetivação dos corpos, tentando mostrar as relações formadas por ele frente aos avanços biotecnológicos. Assim, faremos uma relação entre as possibilidades de compreensão sobre a complexidade de entender conceitos científicos no campo das Ciências Biológicas com o corpo que vai além da sua constituição física. Para isso utilizaremos o PGD como problematizador, para se pensar nesse corpo que vai além da sua constituição física e que pode ser estudado pela educação através da produção de subjetividades.

Através das pesquisas já realizadas, é ressaltado que o corpo sai da sua posição secundária e começa a ganhar visibilidade no século XX. Com o avanço da psicanálise Freudiana, foi ganhando destaque a tese que o corpo tinha que ser considerado para formação do sujeito. A partir das investigações médicas e genéticas e da sua influência sobre os corpos, esses passaram a ser olhados de modo diferente. Os olhares refletiam as representações vividas pelo corpo durante este século que cultivava a estética e o espetáculo. Em meio aos avanços da ciência e da psicologia freudiana sobre o inconsciente, o corpo apresenta-se mais acessível ao seu próprio “eu” (COURTINE, 2009).

Essas mudanças dentro do campo da medicina, saindo da condição de tratar somente anormalidades e depois constituir-se em uma medicina que busca tratar também a própria normalidade, é a resposta das novas leituras que estão sendo feitas sobre os corpos e mentes, tentando compreender e até mesmo manipular os processos que envolvem a vida humana, através dos estudos realizados sobre as ciências que estudam a vida (ROSE, 2013).

A biopolítica, que tem como objetivo o controle dos processos biológicos para que a população possa ter qualidade de vida biológica, utiliza instrumentos para disciplinização e/ou normatização na produção de corpos e subjetividades dos sujeitos. O que nos leva a analisar como as biotecnologias podem contribuir para experiências e subjetividades dessa era biotecnológica.

Os domínios que constituem as verdades biológicas se tornam acessíveis, bem como penetráveis na sociedade, através da difusão dos estudos moleculares que são realizados pela Biologia e engenharias que estudam a vida. Esses conhecimentos, partem dos trabalhos realizados com células-tronco, reprodução assistida e os testes genéticos que desvendam o nosso genoma, e são passíveis a discussão sobre a ética e a moral, o sujeito e o coletivo, pois esse novo saber/poder, produzido pela genética, estão

atrelados a uma nova economia política que nos leva a formação de um novo biopoder.

## REFERÊNCIAS

COURTINE, J. J. Introdução. In: CORBIN, A. COURTINE, J. J. VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo: As mutações do olhar: O século XX.** ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, p.7-12, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Campinas: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I - A vontade de saber.** Rio de Janeiro, Edições Graal. 1999.

MOSSI, C. P. Teoria em ato: o que pode e o que aprende um corpo? **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1541-1552, 2015.

ROSE, N. **A política da própria vida:** biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 400 p, 2013.